

DUPUY, Jean-Pierre. *Retorno de Chernobyl: diário de um homem irado*. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2020, 176p. ISBN: 978-65-86217-16-2.

“Os mortos não morrem quando descem à tumba, mas só quando caem no esquecimento” (p. 45): pensamento que se presta de moldura para enquadrar o acidente nuclear de Chernobyl e suas numerosas vítimas, cujas consequências ainda vão sendo descobertas, com o passar dos tempos. Certamente isso motivou a editora *É Realizações* a considerar os trinta anos da catástrofe nuclear, acontecida em solo ucraniano a 26 de abril de 1986, com a publicação do livro “Retorno de Chernobyl, diário de um homem irado”.

Jean-Pierre Dupuy, Autor da obra, é professor de Filosofia Social e Política na Escola Politécnica de Paris e na Universidade de Stanford, onde se formou como engenheiro; também é membro da Academia de Tecnologias e membro honorário do *Conseil Général des Mines*, na França. Além do presente ensaio, é artífice de *Ordres et désordres, enquête sur un nouveau paradigme* (1990), *Le sacrifice et l’envie* (1992), *Petite métaphysique des tsunamis* (2005) e *O tempo das catástrofes, quando o impossível é uma certeza*, publicado em português pela *É Realizações*, no ano de 2011.

As obras acima mencionadas deixam entrever o interesse do Autor por acontecimentos fortes na história humana. Os títulos desvendam sua perspectiva filosófica, acostumada a questionar a fundo causas detonantes de tragédias e as consequências que elas desencadeiam; em seus escritos, todavia, Jean-Pierre Dupuy também chama a atenção dos leitores para determinados meios de precaução em relação ao perigo. E é bem essa a preocupação que manifesta no “*Diário de um homem irado*”, escrito a partir da “única e rápida” (p. 24) estadia na usina de Chernobyl, em 2005, “para participar de uma escola de verão dedicada à análise das consequências da catástrofe nuclear” (p. 28).

Com efeito, convém recordar os fatos negativamente marcantes da história humana, assinalando algum valor positivo dentro da própria tragédia. Trazê-los à tona com leviana simplicidade é inoportuno, quando não censurável; quesito que esta obra respeita.

Explanando o acidente de Chernobyl desde um prisma filosófico que parte de uma rica variedade de pesquisas em diversos campos – “da filosofia política à cibernética, da teoria mimética de René Girard à abordagem antissistêmica de Ivan Ilich, da epistemologia à

inteligência artificial, da ética à teoria do caos, da teoria da complexidade ao estudo das catástrofes, das ciências cognitivas à religião” –,<sup>1</sup> o Autor busca uma compreensão abalizada do fato.

De imediato, o título do livro é sugestivo. Esclareça-se, entretanto, que o relato do Autor descarta um tipo de parecer embebido em animosidade parcial; Dupuy escreve seu diário à maneira de alguém que constrói um edifício: seu arrazoado arma-se “pedra após pedra”, pois dá argumentos científicos baseados em fatos concretos, demonstrando as razões que justificam seu dissabor ao narrar a experiência tida na visita à enigmática fábrica nuclear.

Sua viagem ao Leste Europeu foi promovida pelo Laboratório de Análise Sociológica e de Antropologia dos Riscos (Laser) da Universidade de Caen, que “trabalha há dez anos aspectos sociais e antropológicos da catástrofe” (p. 28), procurando promover uma “cultura num mundo jamais vivenciado pela humanidade” (p. 31), e ensinar “como viver com o máximo de saúde após um apocalipse nuclear” (p. 31).

Dupuy e seus companheiros estiveram em Kiev, no dia da comemoração da independência da Ucrânia, a 24 de agosto: “A multidão avança num bom ritmo à Praça da Independência” (p. 27). Também eles, pesquisadores, participam da alegria geral, porém um espec-

tro lhes assombra o espírito: o da fábrica contaminada na qual farão suas pesquisas. Em breve partirão de Kiev para Chernobyl, onde ingressarão no “coração das trevas” (p. 27).

Na primeira parte do livro, Dupuy faz uma verdadeira descrição filosófica das impressões e emoções que o assaltaram naqueles dias inesquecíveis, quando penetrou em Chernobyl, na “zona dos 30 quilômetros [...] que delimita mais ou menos arbitrariamente uma área onde a morte vence a vida” (p. 24).

O grupo de pesquisadores patrocinados pela Universidade de Caen foi acolhido na homóloga ucraniana Taras Chevtchenko. Ali, junto a outro conjunto de especialistas de mesmo ideal científico, discutiram sobre a obra a ser empreendida na usina. Jean-Pierre tomou contato com o resultado de laboriosas e arriscadas pesquisas, entre as quais algumas fotografias captadas por Igor Kostique, “feitas nas horas, nos dias e nos anos que se seguiram à catástrofe. [...] Algumas estão no limite do insuportável” (p. 39). Destarte, causaram verdadeiro mal-estar em Dupuy, como decerto causariam também ao leitor que com elas tomasse contato.

Em 28 de agosto de 2005, Dupuy e seus companheiros partiram para as pesquisas de campo nas proximidades da usina de Chernobyl. As impressões tidas marcam profundamente o Autor,

---

1) Segundo o entender de João Cezar de Castro Rocha, professor Titular de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, conforme apontado nesta mesma obra de Dupuy (p. 159-160).

pois as casas de Chernobyl eram sedutoras, como que saídas de um conto de fadas, porém o local onde moravam cerca de 15 mil pessoas tornou-se hoje um deserto de radioatividade (p. 45). “Como falar desse dia passado na zona contaminada, perto do reator número 4 da usina de Chernobyl?” (p. 44), questiona-se Dupuy.

Em seguida, como atestam as páginas ulteriores da obra, tudo é um verdadeiro drama, com sobressaltos e suspenses.

Chegam diante do sinistro edifício no qual, décadas antes, seiscentos a oitocentos mil voluntários, expondo a própria vida, apagaram o incêndio no reator nuclear. Sim! A catástrofe poderia ter sido pior – e assustadoramente pior – não fossem esses heróis anônimos.

Esses, segundo a expressão de Dupuy, pagaram com a vida pela loucura alheia, a loucura do poderio e da corrida atômica. Assim, diante do *sarcófago* – assim chamado mais tarde o local onde se encontrava propriamente o principal reator nuclear – “coberto por uma carapaça de aço que, vinte anos atrás, foi construída, em meio ao pânico, de qualquer jeito, do jeito que dava, mas ao custo de um número indefinido de vidas humanas” (p. 48), Dupuy e seus companheiros veem-se mergulhados “num silêncio quase religioso” (p. 48). Pensando em Deus? Talvez, pois, apesar de o diário não caminhar por esta pista, diante da catástrofe o homem é levado a pensar no fim de seus dias, e a pergunta “quando será a minha vez?” ou “que

final triste e terrível poderei eu ter?” emerge impulsivamente, com menor ou maior clareza.

Como desfecho da primeira parte do livro, Jean-Pierre levanta algumas questões: “O que fazemos, em que pensamos nas poucas horas passadas naquilo que nem podemos chamar de ruína, porque os prédios estão ali, quase incólumes? Somente os homens, as mulheres e as crianças desapareceram. Como não pensar naquela invenção diabólica, a bomba de nêutrons, que liquida as pessoas sem destruir as coisas?” (p. 49-50).

Perguntas sem respostas, que induzem o leitor a pensar em possíveis soluções, se existentes...

Todavia, fazendo alusão às letais e intérminas sequelas da catástrofe, como a da irradiação, Dupuy assevera: “hoje sabemos que um mal imenso pode ser causado por uma ausência completa de malignidade; que uma responsabilidade monstruosa pode andar junto com uma ausência total de más intenções” (p. 37). Sem embargo, devido a realidades como o acidente nuclear de Chernobyl, o Autor reclama a vergonha do espírito humano: “ninguém volta incólume de uma viagem a Chernobyl” (p. 23-24).

Encerra-se, assim, o primeiro capítulo com as descrições da viagem. O segundo apresenta as consequências sacadas de toda a expedição, explicadas pelo Autor sob uma visão filosófica, mas que não deixam de externar a ira de alguém pelo horror contemplado.

Com efeito, de volta a Paris, Dupuy descobre que aquilo que lhe explicaram na Ucrânia era falso (p. 51). Prova-o um recém-publicado relatório do Fórum de Chernobyl, grupo de agências da ONU, e um boletim de imprensa, que anuncia: “Até 4 mil pessoas, no total, poderiam enfim falecer como consequência da radioexposição consecutiva ao acidente ocorrido vinte anos atrás na usina nuclear de Chernobyl: essas são conclusões de uma equipe internacional de mais de 100 cientistas” (p. 51).

O que pode ter acontecido? O Autor afirma: “Em Kiev e em Chernobyl, foram-nos transmitidas as declarações de Kofi Annan, secretário-geral da ONU, evocando em 2000 os ‘nove milhões de vítimas de Chernobyl’, dos quais três milhões de crianças que necessitam de tratamentos médicos contínuos” (p. 52). Ou seja, para o Autor, as próprias agências da ONU teriam desmentido gravemente as declarações de Kofi Annan de cinco anos antes (p. 52). Eis a contradição que fará a cabeça filosófica de Jean-Pierre Dupuy trabalhar à procura de uma resposta, tendo como instrumento de pesquisa sua própria indignação.

A frustração relatada acima somada à ira que as notícias colidentes lhe causaram deram a Jean-Pierre a oportunidade de explorar um neologismo: “nucleocracia”, isto é, o governo, o controle da opinião pública pela indústria nuclear através das novas descobertas que revolucionam o mundo e das propa-

gandas tergiversadas a respeito de seus sucessos ou reveses.

Para Dupuy, “Chernobyl é um símbolo que transcende o caso Chernobyl” (p. 57). Segundo ele, para evitar uma catástrofe climática de grandes proporções, o mercado de energia internacional teria de extrair do solo não mais de um terço dos recursos fósseis que nele há. Todavia, “nunca o mercado de energia será capaz desse esforço de auto-limitação: ele só reage à escassez dos recursos” (p. 58), protesta o escritor. Por outro lado, deste um terço, quanto já se extraiu? E quanto resta por extrair? Quem pode dizê-lo com certeza?

Em contrapartida, o Autor explica que a *nucleocracia* mundial sabe tirar proveito do medo que a ameaça climática gera nas pessoas, “e, se trabalha tanto, publicamente ou por debaixo dos panos, para atrair atenção para a ameaça ambiental é porque ela enxerga nisso a grande oportunidade da indústria nuclear civil” (p. 58). E, nesse caso, a solução para a ameaça climática residiria em outra ameaça letal, a atômica?

Jean-Pierre fala sobre um empenho irresponsável pela energia atômica, que, podendo custar a própria vida do homem, desdenha o valor a pagar pela obsessão de poder. O desastre acontecido em Chernobyl permanece como um fantasma, o qual uns quereriam lograr esvanecer da consciência das pessoas para não encontrar obstáculos aos projetos nucleares.

Afinal, estas ideias de Dupuy não terão demasiados ares de conspiração? Seja como for, após a rígida avaliação do Autor, um sentimento desponta em nós: a desconfiança quanto à veracidade das notícias veiculadas pela mídia, ou até mesmo àquelas oficialmente divulgadas.

Por inúmeras pesquisas nos mais variados campos, Dupuy almeja demonstrar que as ditas estratégicas e ardilosas narrativas de minimizações de catástrofes, onde existiria um trabalho de costura entre veracidade, ignorância e engodo, têm como produto uma notícia parcialmente real, satisfazendo a uns – os interessados –, mas indignando a outros. A finalidade dessa classe de truques midiáticos seria, segundo Jean-Pierre, a de anestesiar a preocupação geral das pessoas e evitar indesejadas reações contra os artefatos atômicos (p. 18-19).

Nesta esteira, levantando provas a favor de sua indignação, com o fito de encontrar uma resposta satisfatória, Dupuy seguirá seu diário de 125 páginas, dividindo-o em duas partes.<sup>2</sup>

Validamente, após uma leitura atenta do livro, encontrar-se-á um denominador comum nas reflexões de Jean-Pierre: a partir das impressões e experiências de sua viagem a Chernobyl, narradas na primeira parte do livro, que dão azo às suas apreciações, seus argumentos

e ideias confluem para a ética contra a corrida nuclear, porquanto o pensamento axial da obra se resume no seguinte: “O que ameaça, salva?” (p. 169). São os ecos da fábrica nuclear de Chernobyl, que parecem responder pela negativa...

A leitura postula conhecimentos científicos precedentes, embora a arte peculiar do Autor leve-o a dizer que “ao acreditar que nada sabe, dedica-se amorosamente à sabedoria” (p. 160), já que visa abrir os olhos de muitos para um “catastrofismo esclarecido” (p. 127). Por outro lado, a cultura científica recebe do “*Diário de um homem irado*” um convite para maior preocupação moral em seus trabalhos e pesquisas.

Enfim, a obra aponta um equilíbrio harmônico entre o *homem científico* e o *homem comum*, pois, “para um físico ou para um biólogo molecular, não existe diferença essencial entre mecanismos do vivo e os processos que se desenrolam numa fissão nuclear controlada [...]: sempre são partículas [...], é sempre apenas informação que circula. Para as pessoas que vivem e se amam ou se odeiam, é a diferença entre a vida e a morte” (p. 35).

Eis a abrangente e preventiva mensagem transmitida por Jean-Pierre Dupuy: não se espera a catástrofe para tomar decisões, mas faz-se a salvação chegar antes da ameaça (p. 170).

*Victor Hugo Morais*

2) O livro contém dois preciosos anexos: o primeiro, uma comunicação na Escola de Verão Francófona de Chernobyl, ocorrida na Universidade Taras Chevthenko de Kiev, durante sua estadia de 2005 para pesquisas na usina de Chernobyl; o segundo são as palavras de João Cezar de Castro Rocha, Professor Titular de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mencionadas na nota da primeira página desta resenha.